

16 NOV 1991

Escola para todos

Com um aumento de cerca de 32 mil vagas, a rede de ensino público de Brasília prepara-se para enfrentar o desafio do próximo ano, quando — espera-se — deverá crescer o número de estudantes que deixarão as escolas particulares. Embora ainda não exista uma nova lei, é certo que o Governo quer levar para a educação regras mais flexíveis, mais próximas do que se convencionou chamar de leis de mercado. E isso, é claro, afastará muitos alunos.

Na passagem de 1990 para 1991, já houve um incremento no número de alunos da rede pública, que foi da ordem de 10%. Esta percentagem, prevêem os técnicos, deve crescer muito, chegando talvez a 30% agora na passagem para 1992. Isso se deve ao fato de a classe média brasileira vir perdendo, paulatinamente, o seu poder aquisitivo.

Embora seja difícil estabelecer se o ensino nas escolas privadas brasileiras pode ser considerado caro ou barato, o certo é que ensino particular é caro em todo o mundo. No entanto, o forte deste tipo de ensino é a qualidade. No Brasil, em geral, as escolas particulares nasceram da incapacidade do Governo de dar educação a todos e não com o objetivo de ministrar um ensino de excelência.

Segundo a Secretaria de Educação, as escolas do Plano Piloto têm mais condições de receber novos alunos, porque há bastante vagas. O mesmo já não ocorre nas satélites, onde a evasão das escolas particulares foi maior no início deste ano. Em 1991, o número dos alunos da

rede pública em Taguatinga, por exemplo, cresceu 26%, índice que só em parte pode ser atribuído à criação de Samambaia.

O aumento no número de vagas da rede pública de ensino de Brasília, que no final deste ano passa de 405 mil para 437 mil, demonstra a preocupação que o Governo do Distrito Federal vem dedicando à educação. Brasília já tem, em relação aos demais estados, um bom sistema de ensino e um grau reduzido de analfabetismo. Isto, sem dúvida, é muito importante para o crescimento futuro que se espera para o Distrito Federal.

É inegável o vínculo existente entre o ensino de boa qualidade para todos e o nível de riqueza de um País. Japão e Alemanha, nações praticamente arrasadas ao final da Segunda Grande Guerra, há apenas 45 anos, deram a volta por cima e são, hoje, os dois países mais ricos do mundo, depois dos Estados Unidos. Boa parte desta extraordinária virada pode e deve ser creditada à existência naqueles países de um bom sistema educacional, que não ruiu junto com os prédios arrasados pelas bombas.

Brasília tem condições de manter e até mesmo aperfeiçoar o ensino nas escolas públicas, para garantir o lugar de destaque que já ocupa dentro da educação brasileira. O Governo do Distrito Federal, com medidas como a que foi agora anunciada, se mostra disposto a cumprir a exigência de ensino gratuito para o primeiro grau.